

NESTE NÚMERO

Manuel Correia de Andrade

O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira.

Silvio Carlos Bray

Os Postulados da Análise Funcionalista na Geografia e seus Aspectos Ideológicos.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira

O "Econômico" na Obra "Geografia Econômica" de Pierre George: Elementos para uma Discussão.

Henrique Rattner

Desenvolvimento de Comunidade no Processo de Urbanização: Notas para uma Crítica das Teorias Sociológicas do Planejamento.

Milton Santos

Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método.

Pede-se permuta.

Piedese canje.

We ask for exchange.

On demande l'échange.

Man bittet um Austausch.

Si richiede lo scambio.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

Caixa Postal 8105

CEP 01000, SÃO PAULO, SP — Brasil

NÚMERO 54

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

# BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

54  
jun. 1977

associação  
dos geógrafos  
brasileiros

## BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

O *Boletim Paulista de Geografia* não tem periodicidade regular, é editado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de São Paulo, Edifício Geografia e História, Cidade Universitária, Caixa Postal 8105, CEP 01000, São Paulo, SP — Brasil.

Os trabalhos assinados exprimem as opiniões dos respectivos autores, e não necessariamente da AGB ou dos redatores do *Boletim Paulista de Geografia*.

DIREÇÃO: J. M. de Gusmão Pinto.

COMISSÃO REDATORIAL: Ana Fani Alessandri Carlos, Armen Mamigonian, José Antonio Ronchesel, Maria Alice Ferraz Abdala (*Secretária*), Myrna T. Rego Viana e Paulo Nakashima.

CONSELHO CONSULTIVO: Alvanir de Figueiredo, Eurípedes Simões de Paula, Eva Alterman Blay, Gil Sodero de Toledo, João José Bigarella, José Pereira de Queiroz Neto, José Reis, José Ribeiro de Araújo Filho, José de Souza Martins, Juergen Richard Langenbuch, Leopoldo Magno Coutinho, Luis Augusto de Queiroz Ablas, Luiz Roberto Tommasi, Manoel Fernando Gonçalves Seabra, Orlando Valverde, Pasquale Petrone e Sérgio Estanislau do Amaral.

REVISÃO: Antonio de Padua Danesi e Edméa G. Neiva Danesi.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Gráfica da FFLCH-USP.

ASSINATURA (Para o ano de 1977, 4 números):

|                                   |             |
|-----------------------------------|-------------|
| Brasil .....                      | Cr\$ 120,00 |
| Exterior .....                    | US\$ 10,00  |
| Exemplar avulso ou atrasado ..... | Cr\$ 30,00  |

Este número foi publicado com a colaboração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

*Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação vigente.*

## BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

NÚMERO 54

SÃO PAULO

JUNHO 1977

### SOBRE TEORIA E MÉTODO

número especial

### ÍNDICE

EDITORIAL ..... 3

### ARTIGOS

*Andrade, M. C. de* — O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira (The Geographic Thinking and the Brazilian Reality) ..... 5

*Bray, S. C.* — Os Postulados da Análise Funcionalista na Geografia e seus Aspectos Ideológicos (The Postulates of Functionalist Analysis in Geography and their Idealistic Aspects) ..... 29

*Oliveira, A. U. de* — O "Econômico" na Obra "Geografia Econômica" de Pierre George: Elementos para uma Discussão (The "Economic" in Pierre George's Work "Economic Geography": Elements for one Discussion) ..... 41

*Rattner, H.* — Desenvolvimento de Comunidade no Processo de Urbanização: Notas para uma Crítica das Teorias Sociológicas do Planejamento. (Community Development in the Urbanization Process: Notes for a Critic of the Sociological Theories of Planning) .... 53

*Santos, M.* — Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método (Society and Space: The Social Formation as Theory and as Method) .... 81

### ANEXOS

Instruções e normas para a elaboração de originais (Instructions and norms for the elaboration of originals)

Publicações recentes (Recent publications)

Representantes do Boletim Paulista de Geografia (Representatives of the Boletim Paulista de Geografia) ... 101

Talvez nunca, como no momento histórico em que vivemos, o espaço foi tão discutido. Especialistas de várias disciplinas começam a *descobrir o espaço*, como um dado fundamental para explicação da realidade nacional, fato que observamos em recentes encontros científicos de sociólogos e economistas, por exemplo.

Nunca, como nos dias de hoje, tomou-se tão clara consciência da importância da compreensão do espaço para, inclusive, se propor soluções para o desenvolvimento nacional. Levanta-se até a necessidade de criação de novas disciplinas: *Espaciologia*, *Ciência Regional*, uma *Nova Geografia*.

Preocupações desse tipo mostram interesse pelo objeto de conhecimento que, numa divisão de trabalho científico, caberia à Geografia. No entanto, mostram também o desconhecimento da existência da disciplina chamada Geografia. E isso deve ser objeto de preocupação, pois talvez indique uma das causas da debilidade científica dos geógrafos e a pequena contribuição que estes têm dado ao desenvolvimento da teoria e do método científicos, elementos distintos, mas indissociáveis.

Teria a artificialidade da divisão das ciências contribuído para essa situação de pouca produtividade dos geógrafos? Seria a falta de compromisso histórico dos geógrafos com a sociedade em que vivem responsável por isso?

A ideologia, evidentemente, é um elemento importante para a explicação da prática científica.

Mas, será que esta produção científica não existe?

Lançamos o desafio aos geógrafos interessados na discussão do problema. As respostas, vindas na forma de artigos, talvez não dêem conta de toda a problemática envolvida na questão proposta. Acreditamos, contudo, que a análise dos trabalhos que ora publicamos trará uma contribuição para todos os que se interessam pelo problema, geógrafos ou não.

Em seu compromisso com a ciência, quando estes problemas que tão de perto afetam os geógrafos são discutidos em todo o mundo, a *Associação dos Geógrafos Brasileiros — Seção Regional de São Paulo* não poderia se furtar a enfrentar tais problemas da forma que estivesse ao seu alcance.

Este número do *Boletim Paulista de Geografia* pretende ser, como tem sido até aqui, uma abertura ao debate da questão.

A Comissão Redatorial.

## SOCIEDADE E ESPAÇO: A FORMAÇÃO SOCIAL COMO TEORIA E COMO MÉTODO \*

Milton Santos \*\*

“O que não está em nenhum lugar não existe.”  
Aristóteles, *Física*

O papel do espaço em relação à sociedade tem sido frequentemente minimizado pela Geografia. Esta disciplina considerava o espaço mais como teatro das ações humanas. Lucien Fèbvre (1932:37) salientava que o encaminhamento dos geógrafos parte em geral do solo e não da sociedade. Isso porque, como lembra R. E. Pahl (1965:81), a Geografia Social desenvolveu-se lentamente (“*since the idea that ‘geographers start from soil, not from society’ (Fèbvre, 1932: 37) was until recently widely held by most geographers, and is indeed still held by some, it is easy to understand why Social Geography has been slow to develop*”).

Pode-se dizer que a Geografia se interessou mais pela *forma* das coisas do que pela sua *formação*. Seu domínio não era o das dinâmicas sociais que criam e transformam as formas, mas o das coisas já cristalizadas, imagem invertida que impede de apreender a realidade se não se faz intervir a História. Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social.

Daí a categoria de Formação Econômica e Social parecer-nos a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço. Esta categoria diz respeito à evolução diferencial das socie-

\* Traduzido do francês por Maria Encarnação Vasquez Beltrão e revisado por Max Henri Boudin.

\*\* Professor-visitante de Geografia e Planejamento Urbano. *Edward Larocque Tinker*, Universidade de Columbia, New York.

dades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais freqüentemente lhes provém o impulso. A base mesma da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta. Deveríamos até perguntar se é possível falar de Formação Econômica e Social sem incluir a categoria do espaço. Trata-se de fato de uma categoria de Formação Econômica, Social e Espacial mais do que de uma simples Formação Econômica e Social (F.E.S.), tal qual foi interpretada até hoje. Aceitá-la deveria permitir aceitar o erro da interpretação dualista das relações Homem-Natureza. Natureza e Espaço são sinônimos, desde que se considere a Natureza como uma natureza transformada, uma *Segunda Natureza*, como Marx a chamou.

Não é nosso propósito engrossar ainda mais o debate semântico sobre as F.E.S., porém sugerir uma nova dimensão que nos parece essencial e que seria uma alternativa no quadro desta nova corrente de pensamento da qual nos fala S. Barrios (1976:1), que propõe “uma concepção do espaço que ultrapasse as fronteiras do ecológico e abranja toda a problemática social”.

#### A CATEGORIA DE FORMAÇÃO SOCIAL

Foi lembrado que a categoria de F.E.S.<sup>1</sup>, apesar de sua importância para o estudo das sociedades e para o método marxista, não mereceu, durante um longo período, estudos e discussões que levassem a renovar e aperfeiçoar o conceito<sup>2</sup>. Ela teria ficado, segundo V. Gerratama (1972-1973:46-47), “numa zona de penumbra discreta, como uma expressão desprovida de significação especial”. Sereni (1970, 1974:23) censura aos marxistas da 2.<sup>a</sup> Internacional o fato de não terem compreendido esta noção, exceção feita a Antonio Labriola e Franz Mehring. O longo reinado de Stalin no Kremlin, o

1 A noção de F.E.S. foi elaborada por Marx e Engels (Marx, *18 Brumaire*, *O Capital*; Marx e Engels, *L'Idéologie Allemande*; Engels, *On Social Relations in Russia*, *Anti-Dühring*). Lênin retoma o tema utilizando-o para fins científicos e políticos em *L'Impôt en espèces*, *Qui sont les amis du peuple*, et *Le Développement du Capitalisme en Russie*. Não se pode esquecer igualmente os estudos de Plékhanev, *Nos désaccords*, Chayanov, *The Theory of Peasant Economy*, Kautsky, *La Question Agraire*.

2 A multiplicidade de definições de F.E.S. levou um dos seus teóricos, Ph. Herzog (1975:89) a renunciar a produzir uma definição a mais. Acrescenta ele que mais vale aprofundar a pesquisa histórica sobre o capitalismo para melhor compreender o conceito, em vez de aprisionar esse conceito em definições. As definições terminam por orientar ou desorientar os pesquisadores, sobretudo em períodos como o nosso, onde a crise geral dá um valor definitivo aos argumentos de autoridade. De fato, vivemos uma nova Idade Média, como Umberto Eco (1974), irônica mas sistematicamente, o demonstrou.

centralismo democrático dos partidos comunistas ocidentais, a ascensão de Hitler ao poder e a guerra fria têm, juntos ou separadamente, concorrido contra toda renovação, particularmente para esta categoria cujo desenvolvimento foi retardado<sup>3</sup>.

Só recentemente — há menos de vinte anos — retomou-se o debate. Vários autores consideram que devemos a Sereni a reabilitação da categoria<sup>4</sup>. Para Labica (1974:95), este esforço representaria uma verdadeira “higiene teórica”, enquanto Glucksmann (1974:56) põe em relevo a distinção, feita por Sereni, entre modo de produção e formação social, contrariamente ao marxismo da 2.<sup>a</sup> Internacional e de Plekhano, que ele critica por confundir os dois conceitos. Segundo Texier (1974:79-80), Sereni nos ofereceu uma interpretação das F.E.S. que teria escapado ao próprio Lênin.

Para Sereni, esta categoria expressa a unidade e a totalidade das diversas esferas — econômica, social, política, cultural — da vida de uma sociedade, daí a unidade da continuidade e da descontinuidade de seu desenvolvimento histórico. Para ele (1974:19 e 24-25), é preciso sempre pôr em relação os dados estruturais com uma produção determinada, o que explica que todo modelo de formação econômica e social é um modelo fundado sobre a totalidade estruturada (SERENI, 1974:15). Aproxima-se nisto de Lucács (1970), para quem o estudo histórico das sociedades opõe à primazia do econômico a da totalidade.

3 Sobretudo quando se admite, por meio de Bagaturia e de outros, que Marx não teve tempo de desenvolver a noção de maneira mais explícita, e que a elaboração por Lênin dava conta de um período histórico já ultrapassado. Contudo, a Lênin e não a Marx, segundo Bagaturia, é que se deve a elevação da categoria de F.E.S. a um lugar central na doutrina do materialismo histórico. Mas Sereni (1971, 1974), sem menosprezar a contribuição de Lênin, fez remontar a Marx a explicitação do conceito.

4 Apesar de outras publicações consagradas explícita ou implicitamente à questão, como os estudos de M. Dobb (1947), N. S. Dzunnosov (1960), E. Hobsbawm (1964), Losada (1964) e Luporini (1966), é o artigo de Emilio Sereni (1970) que reabriu o debate sobre a categoria de F.E.S. (publicado igualmente em 1971 na *Crítica Marxista*, com uma série de artigos sobre o mesmo tema, bem como em *La Pensée* nº 159, out. 1971, e em espanhol, publicações variadas, com uma parte ou totalidade dos artigos e às vezes acrescidas a outros estudos: em 1973 “*La Categoría de Formación Económica y Social*”, Ediciones Roca, México, *El Concepto de Formación Económico-Social*, Ediciones Siglo XXI, Cuadernos de Pasado y Presente nº 39, Cordova). Em 1974, a revista *Economía y Ciencias Sociales* (XIII, nº 1-4, 1971), da Universidad Central de Venezuela, publicou um número especial onde, aos artigos acima mencionados, foram acrescentadas contribuições de Luporini, Cordova e Losada Aldana. O debate prosseguiu na Itália com numerosos artigos, entre os quais aqueles de V. Gerratama (1972, 1973), Palma (1973), G. Prestipino (1972), G. la Grassa (1972).

Não é à "sociedade em geral" que o conceito de F.E.S. se refere, mas a uma sociedade dada, como Lênin (1897) fez a respeito do capitalismo na Rússia. Y. Goblot assinala (junho, 1967:8) que "Marx pôde fundamentar o método científico em História precisamente porque soube isolar de início os raciocínios 'histórico-filosóficos' sobre a 'sociedade em geral' e se propôs a dar somente uma análise científica de uma sociedade e de um progresso". Para Lênin seu estudo deveria cobrir de maneira "concreta" "todas as formas do antagonismo econômico na Rússia" e "traçar um quadro de conjunto da nossa realidade como um sistema determinado de relações de produção".

O conceito de F.E.S., disse V. Gerratama (1973:46) "é supérfluo para quem se ocupa da sociedade em geral". Isso é verdade se se visualizam aspectos essencialmente gerais, típicos de países com o mesmo estágio de desenvolvimento histórico, como se encontra entre Kelle e Kovalson (1973:41). Seu papel é justamente permitir "a determinação específica (para um modo de produção definido) das variações da existência histórica determinada" (ALTHUSSER, 1965: 19). Quando examinamos o problema da sociedade, escreveu Bourkharine (1921, 1972:235) "encontramos à nossa frente tipos históricos definidos de sociedades. Isso significa que não há uma 'sociedade em geral', mas que uma sociedade existe sempre sob um invólucro histórico determinado. Cada sociedade veste a roupa de seu tempo". Aí está a distinção entre F.E.S. e sistema social, podendo este segundo conceito ser aplicado a qualquer forma de sociedade.

O interesse dos estudos sobre as formações econômicas e sociais está na possibilidade que eles oferecem de permitir o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução. O estudo genético permite reconhecer, a partir de sua filiação, as similaridades entre F.E.S.; mas isso não é suficiente. É preciso definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras, e, no interior da F.E.S., a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações.

Nenhuma sociedade tem funções permanentes, nem um nível de forças produtivas fixo, nenhuma é marcada por formas definitivas de propriedade, de relações sociais. "Etapas no decorrer de um processo", como Labriola as definiu, as formações econômicas e sociais não podem ser compreendidas senão no quadro de um movimento totalizador, no qual todos os seus elementos são variáveis que interagem e evoluem juntas, submetidas à lei do todo. A sociedade evolui

sistematicamente, como "um organismo social coerente cujas leis sistêmicas são as leis supremas, a medida-padrão para todas as outras regularidades mais específicas" (*a coherent social organism whose systemic laws (...) were the supreme laws, the standard measures for all the others, more specific regularities*) (V. KUSMIN, 1974:72).

A noção de F.E.S. como etapas de um processo histórico, que preocupou Marx, é um dos elementos fundamentais de sua caracterização<sup>5</sup>. "O desenvolvimento da formação econômica da sociedade é assimilável à marcha da natureza e de sua história", dizia Marx no prefácio da primeira edição de *O Capital*, como para dar ao desenvolvimento histórico e às suas etapas o lugar central na interpretação das sociedades. Com isso, Marx queria evitar "o materialismo abstrato das ciências naturais", onde o desenvolvimento histórico não é considerado (JAKUBOWSKY, 1971:43) nas suas causas e consequências, mesmo se não fosse o caso de delimitar as formações sociais de maneira extremamente precisa. É todo o problema das transições<sup>6</sup> e das crises que está assim colocado, como um problema maior do materialismo histórico e da prática política.

Aqui, a distinção entre modo de produção e formação social aparece como necessidade metodológica<sup>7</sup>. O modo de produção seria o "gênero" cujas formações sociais seriam as "espécies"<sup>8</sup>; o modo de produção seria apenas uma possibilidade de realização, e somente a formação econômica e social seria a *possibilidade realizada*<sup>9</sup>. Como

5 Ler sobre esse assunto A. Roies, 1974:55; G. Prestipino, 1974: 15; Ph. Hugon, 1974:426-428.

6 Ler a esse respeito Ch. Glucksmann, 1971:55-56, para quem a noção de teoria de F.E.S. no tempo de Lênin não é outra senão uma teoria de transição, e isso tanto em 1894-1898 como em 1917-1922.

7 Sereni considera como grave negligência dos marxistas da 2ª Internacional o fato de não fazerem distinção entre modo de produção e formação econômica e social.

8 A formação social subdesenvolvida tem merecido bom número de estudos teóricos sobretudo na América Latina, notadamente Maza Zavala, 1964; Salvador de la Plaza, 1970; H. Malavé Mata, 1972, 1974; H. Silva Michelena, 1973; A. Aguilar, 1971, 1972, 1973; Gloria G. Salazar, 1970. O estudo mais completo de nossos dias é o de Florestan Fernandes (1975). Outros estudos, como os de Ph. Rey (1971) e Hughes Bertrand (1975), são consagrados à África. Os estudos mais gerais são devidos a C. Paix (1972), S. Amim (1971, 1973); P. Salama (1972), O. Sunkel (1967); Ph. Rey (1973), James Petras (1973, 1975). A respeito do modo de produção colonial na América Latina, podem-se citar S. Bagu, 1949; M. Malavé Mata, 1972: 73-108; Garavaglia, 1974. Para a África, B. Datto, 1975.

9 "O conceito de modo de produção está ligado a um *modelo explicativo*, isto é, um conjunto coerente de hipóteses nascidas da consideração de elementos comuns a uma série de sociedades que se consideram pertencentes a um mesmo tipo. Pelo contrário, o conceito de F.E.S. está sempre ligado a uma realidade concreta, suscetível de localização histórico-temporal" (J.G. GARAVAGLIA, 1974:7).

disse comicamente Rudner (1973:45), "evidentemente, pretender que uma entidade tenha uma disposição para manifestar uma propriedade, ou que ela possa manifestá-la potencialmente, não é a mesma coisa que pretender que esta propriedade se manifeste efetivamente. Afinal, dizer que uma casa é *combustível* não é, evidentemente, a mesma coisa que dizer que ela está *ardendo em chamas*. Claro, pode acontecer que entidades que têm certas propriedades em potencial nunca cheguem a mostrá-las. Um torrão de açúcar, que nós afirmamos *com certeza* que é *solúvel*, pode não ser jamais dissolvido (e para que a afirmação seja correta não é necessário que ela se realize); por exemplo, ele pode se evaporar por uma experiência atômica ou se consumir *em cinzas*" (*Evidentemente, la pretensión de que alguna entidad tiene una disposición para manifestar, o potencialmente puede manifestar, alguna propiedad, es diferente de la pretensión de que está manifestando dicha propiedad. Así, decir que una casa es combustible obviamente no es lo mismo que decir que está ardiendo. Claro está que puede ocurrir que entidades que pueden manifestar ciertas propiedades, nunca lleguen a exhibirlas. Un torrón de azúcar de que afirmamos con verdad que es soluble puede no disolverse nunca (y para que la afirmación sea ordenada, no es necesario que ella ocurra); en su lugar, puede evaporarse en una prueba atómica o arder transformándose en cenizas*).

A noção de Formação Econômica e Social é indissociável do concreto representado por uma sociedade historicamente determinada. Defini-la é produzir uma *definição sintética* da natureza exata da diversidade e da natureza específica das relações econômicas e sociais que caracterizam uma sociedade numa época determinada (M. GODELIER, 1971; 107; 1972:81). Esta exigência de concreticidade, sobre a qual insistiu Sereni (1974:44-45), não quer de modo algum dizer que se possa apreender elementos concretos isolados como uma coisa em si própria (*thing in itself*). Uma F.E.S. é "um objeto real que existe independentemente de seu conhecimento, mas que não pode ser definido a não ser por seu conhecimento" (ALTHUSSER, 1965: 205)<sup>10</sup>.

#### FORMAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA OU FORMAÇÃO ESPACIAL?

Modo de produção, formação social, espaço — essas três categorias são interdependentes. Todos os processos que, juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) são histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social.

10 G. Prestipino (1972:78) sublinha o fato de que, em relação ao conceito de modo de produção, o de formação social é "ainda mais aderente ao concreto histórico".

A formação social compreenderia uma estrutura produtiva (P. L. CROSTA, 1973) e uma estrutura técnica (G. LA GRASSA, 1972:93). Trata-se de uma estrutura técnico-produtiva expressa geograficamente por uma certa distribuição da atividade de produção. Se a noção de formação social, segundo G. la Franca (1972:103), deve "conter" o complexo das "diferentes formas técnicas e organizacionais do processo produtivo, que correspondem às diversas relações de produção existentes", ela não pode ser concebida sem referência à noção de espaço.

As diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares. O "valor" de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam. Assim, a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional (SANTOS, 1974:8).

Os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Deste ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. Daí, na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando dessa maneira a especificidade dos lugares.

A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades "externas", aquelas do modo de produção "puro", quanto pelas necessidades "internas", representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e a estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita.

O modo de produção expressa-se pela luta e por uma interação entre o novo, que domina, e o velho. O novo procura impor-se por toda parte, porém sem poder realizar isso completamente. O velho é o modo de produção anterior, mais ou menos penetrado pelas formas sociais e pelas técnicas que correspondem ao modo de produção novo, mas sempre comandado pelo modo de produção novo. Daí chamar-se a esse modo de produção "atual", em plena existência, um modo de produção puro: ele não se realiza completamente em parte alguma. Daí, igualmente, a história espacial ser seletiva (SANTOS, 1972). Antes do período tecnológico atual, vastos segmentos de espaço puderam escapar ao domínio, direto ou indireto, do modo de produção dominante, ou foram apenas atingidos por feixes de determinações limitadas.

As relações entre espaço e formação social são de outra ordem, pois elas se fazem num espaço *particular* e não num espaço

geral, tal como para os modos de produção. Os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço.

Tomada individualmente, cada forma geográfica é representativa de um modo de produção ou de um de seus momentos. A história dos modos de produção é também, e sob este aspecto preciso, a história da sucessão das formas criadas a seu serviço. A história da formação social é aquela da superposição de formas criadas pela sucessão de modos de produção, da sua complexificação sobre seu "território espacial", para empregar, ainda que lhe dando um sentido novo, a expressão de Jean Bruhnes (1913). O modo de produção é, segundo A. Cordova (1974:118), "uma forma particular de organização do processo de produção destinada a agir sobre a natureza e obter os elementos necessários à satisfação das necessidades da sociedade". Esta sociedade e "sua" natureza, isto é, a porção da "natureza" da qual ela extrai sua produção, são indivisíveis e conjuntamente chamam-se "formação social".

Said Sha (1973) escreveu que a formação social é ao mesmo tempo uma totalidade concreta e uma totalidade abstrata. Seu ponto de vista deve reaproximar-se do de Ph. Herzog (1971:88-89), para quem modo de produção e formação social devem ser pensados teoricamente ao mesmo tempo. Para este último, "o modo de produção é a unidade, e formação econômica e social, a especificidade", mas, acrescenta ele, "não há movimento de unificação que ao mesmo tempo não reproduza sobre bases novas as especificidades", regra que evitaria julgar o modo de produção como uma essência, e a F.E.S. como um simples fenômeno<sup>11</sup>. Não seria pois merecida a crítica, endereçada a Sha por H. Michelena (1971:21), de não haver fugido completamente ao dualismo dos conceitos de modo de produção e de formação social. De fato, a formação social, totalidade abstrata, não se realiza na totalidade concreta senão por uma metamorfose onde o espaço representa o primeiro papel.

11 Para Althusser (*Lire le Capital*), "uma F. E. S. depende de um modo de produção determinado"; ela é uma 'conjunção', uma combinação concreta real dos modos de produção hierarquizados (citado por Glucksmann, Ven. 1974:55-56). Ele parte da distinção entre *conceitos teóricos*, que definem os "objetos formais abstratos", e os *conceitos empíricos*, que são as determinações da existência dos objetos concretos. Mas M. Harnecker (1973:147) recusa a definição das F.E.S. como "totalidades sociais abstratas". Para ele, a F.E.S. encerra uma realidade concreta, "historicamente determinada", estruturada a partir da forma com que se combinam as diferentes relações de produção que coexistem ao nível da estrutura econômica (cf. POULANTZAS, 1968:13-14).

## O PAPEL DAS FORMAS

Se abandonarmos o ponto de vista da sociedade em geral e abordarmos a questão sob o ângulo de determinações específicas que a tornam concreta, essas determinações específicas se tornariam uma mera potência, uma simples vocação. Elas tornam-se realidade *pelo* espaço e *no* tempo.

Na sua *Geografia*, Estrabão<sup>12</sup> já aconselhava a levar em consideração os atributos de um lugar que são devidos à natureza, porque, pensava ele, "eles são permanentes, enquanto os atributos superpostos conhecem mudanças (*they are permanent, where as the adventitious attributes undergo changes*); de fato, podemos hoje corrigir: os dois são destinados a mudar. Mas também, acrescenta ele, está claro que é preciso levar em conta os atributos não-naturais que são destinados a permanecer e que transformam o trabalho do homem em uma espécie de atributo natural de um lugar.

A realização prática de um dos momentos da produção supõe um local próprio, diferente para cada processo ou fração do processo; o local torna-se assim, a cada momento histórico, dotado de uma significação particular. A localização num dado sítio e num dado momento das frações da totalidade social depende tanto das necessidades concretas de realização da formação social quanto das características próprias do sítio. O uso produtivo de um segmento de espaço num momento é, em grande parte, função das condições existentes no momento *t-l*. De fato, o espaço não é uma simples tela de fundo inerte e neutra.

Cada combinação de formas espaciais e de técnicas correspondentes constitui o atributo produtivo de um espaço, sua virtualidade e sua limitação. A função da forma espacial depende da redistribuição, a cada momento histórico, sobre o espaço total da totalidade das funções que uma formação social é chamada a realizar. Esta redistribuição-relocalização deve tanto às heranças, notadamente o espaço organizado, como ao atual, ao presente, representado pela ação do modo de produção ou de um dos seus momentos.

O movimento do espaço, isto é, sua evolução, é ao mesmo tempo um efeito e uma condição do movimento de uma sociedade global. Se não podem criar formas novas ou renovar as antigas, as determinações sociais têm que se adaptar. São as formas que atribuem ao conteúdo novo *provável*, ainda abstrato, a possibilidade de tornar-se conteúdo novo e real.

12 Citado por Fischer *et alii*, 1969:20-21.

O valor atual dos objetos geográficos no interior da F.E.S. não pode ser dado por seu valor próprio no que respeita à herança de um modo de produção ultrapassado, porém como forma-conteúdo. Esta é dada em última análise pelo modo de produção tal como ele se realiza *na e pela* formação social.

As modificações do papel das formas-conteúdo — ou simplesmente da função cedida à forma pelo conteúdo — são subordinadas, e até determinadas, pelo modo de produção tal como ele se realiza *na e pela* formação social. Assim, o movimento do espaço suprime de maneira prática, e não somente filosófica, toda possibilidade de oposição entre História e estrutura. Às defasagens da evolução das variáveis particulares opõe-se a simultaneidade de seu funcionamento no interior de um movimento global, que é o da sociedade. Daí a unidade dos processos sincrônicos e diacrônicos (SANTOS, 1974).

Esta unidade da continuidade e da descontinuidade do processo histórico da formação social (SERENI, 1974) é largamente evidenciada na formação espacial. A defasagem com a qual os modos de produção impõem seus diferentes vetores sobre os diversos segmentos de espaço é responsável pelas diferentes idades dos múltiplos elementos ou variáveis do espaço em questão. De resto, a assincronia está na base da evolução espacial, mas o fato de que variáveis agem sincronicamente, isto é, em ordem combinada no interior de uma verdadeira organização, assegura a continuidade do espaço.

De fato, a unidade da continuidade e da descontinuidade do processo histórico não pode ser realizada senão *no* espaço e *pelo* espaço. A evolução da formação social está condicionada pela organização do espaço, isto é, pelos dados que dependem diretamente da formação social atual, mas também das F.E.S. permanentes<sup>13</sup>.

#### ESPAÇO E TOTALIDADE

Mais do que uma expressão econômica da história, as F.E.S. são uma organização histórica (A. LABRIOLA, 1902:29). Este conceito abarca “a totalidade da unidade da vida social”.

Quando se fala de modo de produção, não se trata simplesmente de relações sociais que tomam uma forma material, mas também de

13 “O enfoque espaço-temporal é particularmente útil ao estudo da realidade social das regiões subdesenvolvidas, pois é o único que permite apreender sua heterogeneidade estrutural e compreender a maneira como, em cada lugar, se articulam, segundo uma lógica funcional, variáveis ligadas a diferentes tempos históricos.” (S. BARRIOS, 1974:20) (*El enfoque espacio-temporal es particularmente útil para el estudio de la realidad social en las áreas subdesarrolladas, porque es el único que permite captar su heterogeneidad estructural y comprender la forma específica en la cual, en cada lugar, se articulan funcionalmente variables ligadas a diferentes tiempos históricos.*)

seus aspectos imateriais, como o dado político ou ideológico. Todos eles têm uma influência determinante nas localizações e tornam-se assim um fator de produção, uma força produtiva, com os mesmos direitos que qualquer outro fator.

O dado global que é o conjunto de relações que caracterizam uma dada sociedade tem um significado particular para cada lugar, mas este significado não pode ser apreendido senão ao nível da totalidade. De fato, a redistribuição dos papéis realizados a cada novo momento do modo de produção e da formação social depende da distribuição quantitativa e qualitativa das infra-estruturas e de outros atributos do espaço. O espaço construído e a distribuição da população, por exemplo, não têm um papel neutro na vida e na evolução das formações econômicas e sociais.

O espaço reproduz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidade sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos<sup>14</sup>.

Os objetos geográficos aparecem nas localizações correspondentes aos objetivos da produção num dado momento e, em seguida, pelo fato de sua própria presença, influenciam-lhes os momentos subsequentes da produção<sup>15</sup>.

14 O problema já tinha atraído a atenção de outros especialistas. Estudando a urbanização como uma fonte de contradições sociais, D. Harvey (1975:161) fez alusão ao compromisso a longo prazo representado pela criação do espaço construído (*long term commitment which creating built environment entails*), mas considera que o papel exercido por este dado, assim como pelas formas particulares que ele assume aqui e ali, é algo que exige ainda muitas pesquisas e análises.

15 “Somos assim levados a nos interrogar sobre a relação histórica entre o espaço e a sociedade global: como as normas do espaço e da ocupação efetiva do território responderam à sucessão e à transformação dos modos de produção, as quais foram no curso da história os mecanismos centralizadores da sociedade; mas precisamos também nos perguntar qual foi o papel do espaço no processo social”. (PAUL VIEILLE, 1974:3) O espaço é, pois, sempre conjuntura histórica e *forma* social que recebe seu sentido dos processos sociais que se expressam através dele. O espaço é suscetível de produzir, em contrapartida, efeitos específicos sobre os outros domínios da conjuntura social, pela forma particular de articulação das instâncias estruturais que se constituem”. (CASTELLS, 1971, *La Question Urbaine, Conclusion*)

“... o meio não é, realmente, uma variável independente, nem um fator constante. É uma variável que se transforma também sob a ação de um sistema econômico e social, mas em todo caso é um fator limitativo, um conjunto de sujeições.” (M. GODELIER, 1974:32)

Entretanto, esse papel do espaço passa freqüentemente despercebido ou não é analisado em profundidade<sup>16</sup>. Deveríamos perguntar-nos, como Sartre (1960:202), a respeito da materialidade, por que “não se tentou absolutamente estudar esse tipo de ação passiva que exerce a materialidade como tal sobre os homens e sobre sua história, devolvendo-lhes uma *praxis* voltada sob a forma de uma contrafinalidade” (*counter-finality*).

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. A *praxis*, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado sócio-econômico, mas é também tributária dos imperativos espaciais.

Como disse Caillou (1964:58), o espaço impõe a cada coisa um conjunto particular de relações porque cada coisa ocupa um dado espaço (*space impose to each thing a particular set of relations because each thing occupy a given place*). Repetimos, com Sartre (1963): “Se a prática inerte rouba minha ação... ela impõe freqüentemente uma contrafinalidade” (*the practice inerte “steals” my action from me*). Quando se trata do espaço humano, a questão não é mais de prática inerte, mas de inércia dinâmica. A representação é também ação, e as formas tangíveis participam do processo enquanto atrizes (I. MORGENSTEN, 1960:65-66).

Voltemos ao que Marx escreveu na segunda parte de sua teoria da mais-valia: “Tudo o que é resultado da produção é, ao mesmo tempo, uma pré-condição da produção” (*everything which is the result of production is at the same time a prerequisite of production*) (cap. VIII, 5, 465). Ou ainda, o que se encontra na terceira parte do mesmo livro: “Cada pré-condição da produção social é, ao mesmo tem-

16 É-nos impossível estar a par de todos os trabalhos consagrados às relações entre espaço e formação social publicados em diferentes línguas e países. É, pois, arriscando-nos a cometer injustiça que damos essas referências. Entre os estudos empíricos de aplicação a uma realidade nacional da categoria de F.E.S. apreciamos particularmente o de Alejandro Rofman e L. A. Romero (1974), Sonia Barrios (1976), Cendes (1971), todos consagrados à América Latina. Ler-se-á com igual interesse o livro de D. Slater (1975), especialmente a segunda parte, e também os artigos de J. Doherty (1974), sobre a Tanzânia, C. Paix (1975), sobre o Líbano, J. Suret-Canale (1969), sobre a Guiné. Dentre os estudos teóricos: Coraggio (1974), S. Barrios (1976/1977), P. L. Costa (1973), S.A. de Val (1974), G. Ferrari (1974), Cendes (1973), J.A. Silva Michelena (1974), J.L. Schwendmann (1975), B. Poche (1975), Santos (1975a, 1975b).

po, seu resultado, e cada um de seus resultados aparece simultaneamente como sua pré-condição” (*every pre-condition of the social production is at the same time its result, and every one of result appears simultaneously as its precondition*) (Addenda, 5, XV, 919)<sup>17</sup>.

Como podemos esquecer por tanto tempo esta inseparabilidade das realidades e das noções de sociedade e de espaço inerentes à categoria da formação social? Só o atraso teórico conhecido por essas duas noções pode explicar que não se tenha procurado reuni-las num conceito único. Não se pode falar de uma lei separada da evolução das formações espaciais. De fato, é de formações sócio-espaciais que se trata<sup>18</sup>.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, A. (1973) — *Dialética de la Economía Mexicana*. México, Editorial Nuestro Tiempo.
- (1971) — *El Capitalismo del Subdesarrollo*. Problemas del Desarrollo, 8.
- (1972) — *Imperialismo y Subdesarrollo*. Problemas del Desarrollo, 14:101-120.
- ALTHUSSER, L. (1965) — *Esquisse du Concept d'Histoire*. La Pensée 121.
- BAGATURIA, G. A. (1968) — *La Formación y el Desarrollo de la Concepción Marxista de la Historia*. In: Colección Marx, historiógrafo. Moscou, Nuka.
- BAGU, S. (1949) — *Economía de la Sociedad Colonial: Ensayo de Historia Comparada de América Latina*. Buenos Aires, Editorial El Ateneo.

17 “A realidade espacial é uma dimensão que está permanentemente ocupada em se reajustar sob a influência da realidade econômica e social, mas que ao mesmo tempo exerce sua influência sobre ela mesma” (A. RUFMAN, 1974:18) (*la realidad espacial es una dimensión que se reajusta permanentemente a influjos de la realidad económico-social y al mismo tiempo impacta sobre esta*). Um documento do Centro de Estudos de Desenvolvimento da Universidade Central da Venezuela postula que “a formação social de um país qualquer seria condicionada, a cada momento histórico, pela herança histórica, por fatores externos e por seu espaço físico” (*la formación social de un país cualquiera estaría condicionada, para cada momento histórico, por factores externos y por su espacio físico*) (CENDES, 1971, T. II, 23). De fato, como Paul Vieille (1974:32) escreveu recentemente, “o espaço é bem uma categoria constitutiva do modo de produção; geneticamente, o processo de criação do espaço e do modo de produção são inseparáveis. Este não pode ser compreendido se se faz abstração daquele...”. Agora que o funcionamento do capitalismo nas suas relações com o espaço começa a ser melhor conhecido, somos forçados a acreditar com Calabi e Indovina (1973:4), quando dizem que há “da parte do capital, um ‘uso’ do território que é diverso e submetido a modificações em relação às diversas fases do desenvolvimento do processo capitalista”.

18 Nicole Mathieu (1974:89) utilizou a expressão “formação espacial” para identificar, parece, regiões homogêneas, segundo as formas de relações cidade-campo e a organização do espaço correspondente.

- BARRIOS, S. (1976) — *Prediagnóstico Espacial: El Marco Teórico*. Caracas, Cendes, Universidad Central de Venezuela (mimeog.).
- (1977) — *Political Practice and Space*. Antipode. 9(1).
- (1975) — *La Evolución Reciente de Venezuela a la luz de las Teorías de Perroux*. Caracas, Cendes, Universidad Central de Venezuela.
- BERTRAND, H. (1975) — *Le Congo, Formation Sociale et Mode de Developement Economique*. Paris, Maspero.
- BRUNHES, J. (1913) — *Du Caractère Propre et du Caractère Complexe des Faits de Géographie Humaine*. Annales de Géographie, 22(121): 1-40.
- BUKHARIN, N. (1965) — *Historical Materialism: A System of Sociology*. New York, Russel and Russel.
- (1972) — *Teoría del Materialismo Histórico: Ensayo Popular de Sociología Marxista*. Cuadernos de Pasado y Presente 31. Córdoba, Siglo XXI Editores.
- CAILLOIS, R. (1964) — *Instinct et Société*. Paris, Gonthier.
- CALABI, D. e INDOVINA, F. (1973) — *Sull'uso Capitalistico del Territorio*. Archivio di Studi Urbani e Regionali 2, Franco Angeli Editore.
- CÁRACAS. Cendes (1971) — *Desarrollo Urbano y Desarrollo Nacional*. Caracas, Universidad Central de Venezuela, Tom. I e II.
- CARACAS. Cendes (1973) — *Esquema para el Estudio Global de la Sociedad Venezolana* (nueva versión).
- CASTELLS, M. (1971) — *Problemas de Investigación en Sociología Urbana*. Buenos Aires, Siglo XXI, Editores p. 195-205.
- CHAYANOV, A. V. (1925) — *The Theory of Peasant Economy*. Homewood, Illinois, Robert Irwin.
- CORAGGIO, J. L. (1974) — *Consideraciones Teórico-metodológicas sobre las Formas Sociales de Organización del Espacio y sus Tendencias en América Latina*. Revista Interamericana de Planificación 32(8): 79-101.
- CORDOVA, A. (1974) — *Fundamentación Histórica de los Conceptos de Heterogeneidad Estructural*. Economía y Ciencias Sociales 13 (14). Caracas.
- CROSTA, P. L. (1973) — *I Processi di Urbanizzazione: Problemi dell'Analisi in Funzione dell'Intervento sull Territorio*. In: I.U.A.V., ed. Note sulla Impostazione e gli Argomenti del Corso. Venezia. Corso di Introduzione all'Urbanistica.
- DATOO, B. (1975) — *Peasant Agricultural Production in East Africa: The Nature and Consequences of Dependence*. Department of Geography, University of Dar-es-Salaam.
- DE LA PLAZA, S. (1970) — *Dependencias del Exterior y Clases Sociales en Venezuela*. Problemas del Desarrollo 1(3):31-64.

- DE PALMA, A. (1966) — *L'Organizzazione Capitalistica del Lavoro nel Capitale de Marx*. Quaderni de Sociologia 11, Turim.
- (1973) — *La División Capitalistica del Trabajo*. Cuadernos del Pasado y Presente 32, Córdoba, Siglo XXI Editores, p. 1-40.
- DE VAL, S. A. (1974) — *L'Uomo, la Storia, l'Ambiente*. Critica Marxista 12(3) e (4): 131-147.
- DOHERTY, M. (1974) — *The Role of Urban Places in Socialist Transformation*. Department of Geography, University of Dar-es-Salaam, fev.
- DOWIDAR, M. — *Les Concepts: Du Mode de Production à la Région*. Espaces et Sociétés 10-11: 37-44.
- DZUNOSOV, N. S. (1960) — *La Formación Socio-económica como Categoría del Materialismo Histórico*. Voprosy Filosofii 10: 110-117 (citado por E. Sereni, 1974. p. 24).
- ENGELS, F. (1969) — *Anti-Dühring*. Moscou, Progress Publishers.
- (1964) — *Anti-Dühring*. México, Editorial Grijalbo.
- (1973) — *On Social Relations in Russia*. In: Marx-Engels Selected Works, Moscou, Progress Publishers, vol. II, p. 387-410.
- FÈBVRE, L. (1932) — *Geographical Introduction to History*. London, Kegan Paul.
- FERNANDES, F. (1975) — *A Revolução Burguesa no Brasil. Ensaio de Interpretação Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- FERRARI, G. (1974) — *Territorio e Sviluppo: un Comprensorio nella Regione Veneta*. Critica Marxista 12: 79-93, maio-agosto.
- GARAVAGLIA, J. C. (1974) — *Modos de Producción en América Latina (Introducción)*. Cuadernos de Pasado y Presente 40, Córdoba, Siglo XXI Editores.
- GERRATANA, V. (1972) — *Formazione Sociale e Società di Transizione*. Critica Marxista 10 (1): 44-80.
- (1973) — *Formación Económico-social y Proceso de Transición*. Cuadernos de Pasado y Presente, Córdoba, Siglo XXI Editores, p. 45-79.
- GLUCKSMANN, C. (1971) — *Mode de Production, Formation Économique et Sociale, Théorie de la Transition. A propos de Lénine*. La Pensée 159: 50-58.
- (1973) — *Modo de Producción, Formación Económico-social, Teoría de Transición*. In: El Concepto de Formación Económico-social. Siglo XXI Editores, Argentina, p. 129-138.
- (1974) — *Idem*. Economía y Ciencias Sociales 13: 54-63. Caracas.
- GLOBOT, J. J. (1967) — *Pour une Approche Théorique des "Faits de Civilization"*. La Pensée 113, 134, 136, junho, agosto e dezembro.
- GODELIER, M. (1971) — *Qu'est-ce que Définir une "Formation Economique et Sociale"? L'Exemple des Incas*. La Pensée 159: 99-106.
- (1972) — *Idem*. Critica Marxista 10 (1): 81-89. Roma.

- (1974) — *Idem.* Economía y Ciencias Sociales 13: 107-115. Caracas.
- HARVEY, D. (1973) — *Social Justice and the City*. London, Edward Arnold (Publishers) Ltda.
- (1975) — *The Political Economy of Urbanization in Advanced Societies: The Case of the United States*. The Social Economy of Cities, Urban Affairs. Annual Reviews, Beverly Hills, Sage Publications, vol. 9.
- HERZOG, P. (1971) — *I Concetti di Modo di Produzione e Formazione Economico-sociale per l'Analisi dell'Imperialismo*. Critica Marxista 9(4): 96-101. Roma.
- (1973) — *Idem.* In: El Concepto de Formación Económico-social. Siglo XXI Editores, Argentina, p. 196-200.
- (1974) — *Idem.* Economía y Ciencias Sociales. p. 85-89. Caracas.
- HOBBSBOWN, E. J. (1964) — *Pre-Capitalist Economic Formations (Introduction)*. London, Lawrence and Wishart, p. 9-65.
- HUGON, P. (1974) — *A Propos de l'Ouvrage de Samir Amin*. Revue Tiers Monde 15(58): 421-434.
- JAKUBOWSKY, F. (1971) — *Les Superstructures Ideologiques dans la Conception Matérialiste de l'Histoire*. Paris, Etudes et Documentation Internationales.
- KAUTSKY, (1900) — *La Question Agraire*. Paris, Giard et Brière (reedición in fac-símile, 1970, Paris, Maspero).
- KELLE, V. e KOVALSON, J. (1973) — *Historical Materialism, an Outline of Marxist Theory of Society*. Moscou, Progress Publishers.
- KUSMIN, V. (1974) — *Systemic Quality*. Social Sciences 4.
- LABICA, G. (1971) — *Quatre Observations sur les Concepts de Mode de Production et de Formation Economique de la Societé*. La Pensée 159: 88-98.
- (1971) — *Idem.* Critica Marxista 9: 116-128. Roma.
- (1973) — *Idem.* In: El Concepto de Formación Económico-social. Cuadernos de Pasado y Presente 39: 206-216. Siglo XXI Editores, Argentina.
- LABRIOLA, A. (1902) — *Essais sur le Matérialisme Historique*. Paris, Giard et Brière.
- (1964) — *Saggi sul Materialismo Storico*. Roma, Editori Rutini.
- LA GRASSA, G. (1972) — *Modo di Produzione, Rapporti di Produzione e Formazione Economico-sociale*. Critica Marxista 10(4): 54-83.
- LÉNIN, V. I. (1974) — *The Development of Capitalism in Russia*. Moscou, Progress Publishers.
- (1975) — *The Tax in Kind (The Significance of the New Policy and its Conditions)*. In: Selected Works, Moscou, Progress Publishers, p. 526-556.

- (1946) — *Ce qui sont les Amis du Peuple et comment Luttent les Social-Democrates (Réponse aux articles parus dans Rousskoie Bogatstvoy, 1894)*. Edições em língua estrangeira. Moscou, Gospolitizdat.
- LOZADA ALDANA, R. (1967) — *Dialéctica del Subdesarrollo*. Caracas, Universidad Central de Caracas (Ph. D. Thesis, Université de Paris, 1964. Pref. de Maza Zavala).
- LUKÁCS, G. (1960) — *Histoire et Conscience de Classe*. Paris, Les Éditions de Minuit.
- (1968) — *History and Class Consciousness*. London, Merlin Press.
- LUPORINI, C. (1966) — *Realità e Storicità: Economia e Dialettica nel Marxismo*. Critica Marxista 4(1). Roma.
- MALAVÉ MATA, H. (1972) — *Reflexiones sobre el Modo de Producción Colonial Latino-americano*. Problemas del Desarrollo 3(10): 73-108.
- (1974) — *Formación Histórica del Antidesarrollo de Venezuela*. Caracas, Ediciones Rocinante.
- MARX, K. (1963) — *Theories of Surplus-Value*. Moscou, Progress Editors, Part I (Part II — 1968) (Part II — 1971).
- (1973) — *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*. In: Marx-Engels, ed. Selected Works, Moscou, Progress Publishers, p. 394-487.
- MATHIEU, N. (1974) — *Propos Critiques sur l'Urbanisation des Campagnes*. Espaces et Societés 12:71-89.
- MAZA ZAVALA (1964) — *Venezuela, una Economía Dependiente*. Universidad Central de Caracas.
- MICHELENA, H. (1973) — *Estructura y Funcionamiento de una Economía Subdesarrollada Madura: Una Introducción*. Problemas del Desarrollo 4(15): 81-102.
- (1975) — *Modo de Producción y Formación Social*. Uno y Multiple 1:16-25.
- PAHL, R. E. (1965) — *Trends in Social Geography*. In: CHORLEY e HAGGETT, ed. Frontiers in Geographical Teaching, London, Methuen.
- PAIX, C. (1972) — *Approche Théorique de l'Urbanisation dans les Pays du Tiers Monde*. Revue Tiers Monde 50, Presses Universitaires de France.
- PARISI, L. (1971) — *Modo de Producción y Metropolización en Chile y América Latina*. D.E.P.U.R., Universidad de Chile.
- PLEKHANOV, G. (1956) — *Nasi Raznogsija, Our Differences, Nos Desaccords*. (1884). In: ed. Oeuvres Philosophiques Choisies, Vol. I. Moscou, p. 115-370.
- POCHE, B. (1975) — *Modo de Production et Structures Urbaines*. Espaces et Societés 16:15-30.
- POULANTZAS, N. (1968) — *Pouvoir Politique et Classes Sociales de l'Etat Capitaliste*. Paris, Editions Maspero.

- PRESTIPINO, G. (1972) — *Concetto Logico e Concetto Storico di Formazione Economico-sociale*. Critica Marxista 10(4): 54-83. Roma.
- (1974) — *Domande ai filosofi (o Agli Economisti) Marxist*. Critica Marxista 12(6): 137-175. Roma.
- REY, P. P. (1973) — *Les Alliances de Classes*. Paris, Editions Maspero.
- (1971) — *Colonialisme, Neo-Colonialisme et Transition au Socialism, l'Exemple de la "Comilog" au Congo-Brazzaville*. Paris, Editions Maspero.
- ROFMAN, A. e ROMERO, L. A. (1974) — *Sistema Sócio-económico y Estructura Regional en la Argentina*. Buenos Aires.
- ROFMAN, A. (1974) — *Desigualdades Regionales y Concentración Económica, el Caso Argentino*. Buenos Aires, Ediciones SIAP-Planteos.
- (1974) — *Dependencia, Estructura de Poder y Formación Regional en América Latina*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno.
- ROIES, A. (1974) — *Lectura de Marx por Althusser*. Barcelona, Editorial Estela.
- RUDNER, R. S. (1973) — *Filosofía de la Ciencia Social*. Madrid, Alianza Editorial (Philosophy of Social Science, 1966, Prentice Hall).
- SALAMA, P. (1972) — *Le Procès de Sous-Developpement*. Paris, Maspero.
- SANTOS, M. (1972) — *Dimension Temporelle et Systèmes Spatiaux dans les Pays du Tiers Monde*. Revue Tiers Monde 13(50): 247-268.
- (1974) — *Time-Space Relations in the Underdeveloped World*. Department of Geography, University of Dar-es-Salaam (ed. mimeo.).
- (1975) — *The Periphery at the Pole: Lima, Peru*. In: GAPPERT, G. e ROSE, H. A., ed. *The Social Economy of Cities*, Urban Affairs Annual Reviews, Beverly Hills, Sage Publications.
- (1975) — *L'Espace Partagé*. Paris, M. Th. Genin, Librairies Techniques.
- SARTRE, J. P. (1960) — *Critique de la Raison Dialectique (Précédé de Questions de Méthode)*. Tome I: Théorie des Ensembles Pratiques, Paris, Gallimard.
- (1963) — *The Problem of Method*. London, Methuen & Co.
- SERENI, E. (1970) — *De Marx a Lenin: la Categoria de "Formazione Economico-sociale"*. Quaderni Critica Marxista 4: 29-79. Roma.
- (1971) — *Idem*. La Pensée 159, p. 3-49.
- (1973) — *Idem*. In: *El Concepto de Formación Económico-social*. Siglo XXI, Editores, Argentina p. 55-96.
- (1974) — *Idem*. In: *Economía y Ciencias Sociales* 13: 6-53. Caracas.
- SHA, S. (1973) — *Development, Social Formations and Modes of Production*. ONU, Dakar (ed. mimeo.).
- SILVA, J. A. e MICHELENA, H. (1974) — *Notas sobre la Metodología para el Diagnóstico Integral de Venezuela*. Caracas, CENDES, Universidad Central de Venezuela.

- SLATER, D. (1975) — *Underdevelopment and Spatial Inequality, Progress in Planning*. Vol 4, nº 2, London, Pergamon Press.
- SUNKEL, O. (1967) — *Política Nacional del Desarrollo-Dependencia Externa*. Estudios Internacionales 1(1). Santiago.
- SURET, J. (1969) — *La République de Guinée. Contribution à la Géographie du Sous-développement*. Paris (ed. mimeo. 502 p.).
- TEXIER, J. (1971) — *Modo di Produzione, Formazione Economica, Formazione Sociale*. Critica Marxista 9(4): 89-94. Roma.
- (1973) — *Idem*. In: *El Concepto de Formación Económico-social*. Cuadernos de Pasado y Presente 39: 190-195. Siglo XXI, Editores, Argentina.
- (1974) — *Idem*. In: *Economía y Ciencias Sociales* 13: 78-84. Caracas.
- VIEILLE, P. (1974) — *L'Espace Global du Capitalisme d'Organisation*. Espaces et Sociétés 12:3-32.

## RESUMO

O papel do espaço em relação à sociedade quase sempre foi minimizado pela Geografia. Pode dizer-se que a Geografia tem-se interessado mais pela forma das coisas que por sua formação. A categoria de formação econômica e social parece adequada para ajudar à formulação de uma teoria do espaço válida. Não se pode falar de uma lei separada da evolução das formações espaciais. Trata-se, na realidade, de formação sócio-espacial.

## SUMMARY

The role of space in relation to society was frequently minimized by Geography. We can assert that Geography is more interested for the form of things than for their formation. The category of economic and social formation seems the most adequate for the formulation of a valuable theory of space. We cannot think of a law separated of the evolution of the spacial formations. In fact, is the social-spatial formation that must be analyzed.

## RESUMÉ

Le rôle de l'espace par rapport à la société a été souvent minimisé par la Géographie. On peut dire que la Géographie s'est plus intéressée à la forme des choses qu'à leur formation. La catégorie de formation économique et sociale semble la plus adéquate pour aider à la formulation d'une théorie valable de l'espace. On ne peut pas parler d'une loi séparée de l'évolution des formations spatiales. En fait, c'est de formation socio-spatiales qu'ils s'agit.